

## Individuar, nos individuar e individuar em nós: a transindividualidade do conhecer

*Luis Eduardo Ponciano Aragon*  
Doutor em Psicologia Clínica

### **Resumo**

Propomos uma leitura da obra do filósofo Gilbert Simondon, com ênfase no conceito de transindividual. A partir deste percurso são discriminados elementos da ética e do processo do conhecimento no pensamento do autor.

**Palavras-chave:** Simondon; transindividual; ética; conhecimento.

### **Résumé**

Nous proposons une lecture de l'oeuvre du philosophe Gilbert Simondon, avec l'accent sur le concept du transindividuel. Dès ce parcours nous dédoublons quelques éléments de l'éthique et du processus de connaissance dans la pensée de l'auteur.

**Mots-clés:** Simondon ; transindividuel ; éthique ; connaissance.

## 1. Introdução

A obra do filósofo francês contemporâneo Gilbert Simondon, apesar de ter grande alcance, contemplando a problemática da individuação (física, biológica, psíquica e coletiva, tecnológica) teve uma recepção lenta, mas progressiva. Prova disto é que no ano da defesa de sua tese em 1958, apenas a tese complementar ganhou forma de livro: *Du Mode d'Existence des Objets Techniques* [*Modo de Existência dos Objetos Técnicos*]. O texto de seu doutorado foi dividido em dois e publicado com intervalo de vinte e cinco anos: *L'Individu et sa Genèse Physico-Biologique* [*O Indivíduo e sua Gênese Físico-Biológica*] em 1964 e *L'Individuation Psychique et Collective: à la lumière des notions de Forme, Information, Potentiel et Metastabilité* [*A Individuação Psíquica e Coletiva: à luz das noções de Forma, Informação, Potencial e Metaestabilidade*] em 1989. Este destino, que provocou o inconformismo de alguns<sup>1</sup>, talvez possa ser explicado pelo ineditismo e pela amplitude das questões que propõe às inúmeras áreas do conhecimento, além da propriamente filosófica: da Teoria da Forma à Teoria Informação e à Cibernética, da Psicologia e da Psicanálise à Sociologia e à Antropologia. Nos parece que ele estava à frente de seu tempo, o que se percebe pelo conteúdo das perguntas que lhe foram dedicadas após sua conferência na *Société Française de Philosophie* [Sociedade Francesa de Filosofia] (1960), onde a tentativa de reduzir os processos de individuação a um realismo puro

---

<sup>1</sup> Gilles Châtelet busca reparar isto com um colóquio consagrado à obra deste autor no Collège International de Philosophie, em 1992: “A obra de Gilbert Simondon, ainda muito pouco conhecida, encontra-se, no entanto, na origem de muitas das problemáticas desenvolvidas por certos filósofos contemporâneos [...] Simondon percebeu bem que a filosofia, para ultrapassar os dualismos tradicionais: indivíduo-comunidade, forma-matéria, não deveria dar privilégio excessivo ao indivíduo formado, mas sim abordar energeticamente o problema da individuação e ‘conhecer o indivíduo a partir da individuação, mais do que a individuação a partir do indivíduo’. Seu conhecimento aprofundado das ciências físicas e biológicas lhe permitiu elaborar uma genética das singularidades, *uma filosofia original e ampla que jamais sucumbe à paráfrase.*” (Châtelet, 1994, p. 9). Todas as traduções constantes neste texto são de minha responsabilidade.

ou a um nominalismo são patentes<sup>2</sup>. Atualmente seu pensamento tem se expandido para além dos meios acadêmicos especializados, objeto de um interesse cada vez maior e sendo difundido por novas edições francesas, o aparecimento de vários de seus cursos, diversas traduções<sup>3</sup>, uma revista (*Cahiers Simondon*), encontros mensais (*Athelier Simondon*), bem como várias publicações e eventos na França e fora dela<sup>4</sup>.

O único grande filósofo que reconheceu a importância do trabalho de Simondon logo após a publicação da primeira parte da tese, foi Gilles Deleuze (2005, p. 106-110), ainda em 1966, se inspirando em muitos dos conceitos daquele como pontos-chave de sua própria obra<sup>5</sup>, como é o caso da modulação, da disparação intensiva, do problemático, entre muitos outros. Importante notar que, apesar de dialogarem de maneira profícua, as obras dos dois conserva, cada qual, uma singularidade irreduzível (Sauvagnargues, 2011, p. 7-30).

O autor vai buscar inspiração nos filósofos pré-socráticos, em especial Anaximandro com seu conceito de *aperion* (infinito/ilimitado), para pensar os processos de engendramento dos indivíduos. Até então, o que estava aquém do indivíduo era relegado, tanto pelo substancialismo quanto pelo hilemorfismo, a um abstrato “princípio de individuação”, o que dá “um privilégio ontológico ao indivíduo constituído” (Simondon, 2013, p. 23), enquanto o autor insistirá numa ontogenia.

<sup>2</sup> Conferência disponível no site: [www.sofrphilo.fr/telecharger.php?id=82](http://www.sofrphilo.fr/telecharger.php?id=82). Acesso em: 29/06/2014.

<sup>3</sup> A tradução brasileira da tese, bem como de vários suplementos está no prelo e será brevemente publicada pela editora 34.

<sup>4</sup> Muitas destas informações, bem como outras, são encontradas no site dedicado ao autor por sua família: <http://gilbert.simondon.fr/>. Acesso em 29/06/2014.

<sup>5</sup> Nas palavras de Deleuze em *Lógica do Sentido* (1969): “todo o livro [*O Indivíduo e sua Gênese Físico-Biológica*] de Simondon nos parece de uma grande importância, porque ele apresenta a primeira teoria racionalizada das singularidades impessoais e pré-individuais. Ele se propõe explicitamente, a partir destas singularidades, fazer a gênese do indivíduo e do sujeito cognoscente. Tem-se também uma nova concepção do transcendental. E as cinco características pelas quais nós buscamos definir o campo transcendental: *energia potencial do campo, ressonância interna das séries, superfície topológica das membranas, organização do sentido, estatuto do problemático*, são todas analisadas por Simondon.” (Deleuze, 1969, p. 126).

Neste trabalho pretendo apresentar alguns elementos conceituais da obra do filósofo, passando pela individuação física, biológica, psíquica e coletiva, para chegar ao conceito de transindividual e indicar alguns desdobramentos éticos e do processo de conhecer.

## 2. Alguns conceitos básicos

Simondon usará a física termodinâmica, a física quântica, a mecânica ondulatória, a cristalografia, a biologia, a etologia, a psicologia experimental, a cibernética entre outros para alicerçar suas ideias. Com grande admiração por Diderot e d’Alambert, se alinha ao movimento enciclopédico, mas recusando um “humanismo fácil”, propõe o que Barthélémy (2008, p. 07) chama de um “enciclopedismo genético”.

Começamos justamente pelo *apeiron*. O ilimitado é indeterminado formalmente, mas não indiferenciado, o que permite conceber singularidades não atuais. Estas singularidades, não sendo substanciais, estão em estado de potência, mas não aquela aristotélica determinada de antemão pela forma final, como a potência da glândula tornar-se carvalho. Não prescindir do ilimitado implica em “considerar toda verdadeira *relação* como tendo estatuto de ser, e como se desenvolvendo no interior de uma individuação nova” (Simondon, 2013, p. 29; grifo meu). A relação neste sentido não é nem quantitativa, nem qualitativa, mas intensiva, ou seja, afirmação das diferenças entre ordens de grandeza diferentes e não entre termos distintos.

Simondon (2013, p. 26) postula, então, a existência de um regime *pré-individual* que é “mais que a unidade e mais que a identidade”. Desta maneira o indivíduo passa a ser relativo em dois sentidos “porque ele não é todo o ser e porque ele resulta de um estado do ser no qual ele não existia nem como indivíduo, nem como princípio de individuação” (2013, p. 25).

Como um bom narrador de histórias que é<sup>6</sup> – seus livros são recheados de exemplos –, descreve minuciosamente a formação do tijolo que, antes de ser definido por sua forma, seu molde, depende de elementos como a textura da argila, a homogeneidade do barro, a tensão superficial, a transmissão de potencial do contato da massa com a fôrma e as demais partes. Nos conduz a acompanhar processos de *modulação* que ocorrem de próximo em próximo, ao invés de se contentar com a preeminência da forma/fôrma que molda. Os cristais que se formam a partir de soluções supersaturadas submetidas a campos elétricos ou à introdução de um germe estrutural, é outro exemplo explorado por ele para sustentar a existência de potenciais e virtualidades não integrados às formas, mas que estão em pressuposição recíproca com elas, são seu *meio associado*. São justamente estes potenciais, estes pré-individuais que determinam a possibilidade do devir.

Os antigos não tinham o recurso conceitual de *metaestabilidade* da física termodinâmica, que implica as noções de energia potencial de um sistema, de ordem e de aumento de entropia, mas apenas as noções de estabilidade e instabilidade. Com esta ferramenta o autor pode conceber

o ser não como substância ou matéria, ou forma, mas como sistema tenso, supersaturado, acima do nível da unidade, não consistindo apenas em si mesmo e não podendo ser adequadamente pensado por meio do princípio do terceiro excluído (Simondon, 2013, p. 25).

Outra noção fundamental é a de *fase*. “*A individuação corresponde à aparição de fases no ser*” (Idem), de forma que o indivíduo formal, individuado, é apenas uma fase do ser, sendo o pré-individual outra fase. O ar, a energia solar, os alimentos, a gravidade formam relações com o indivíduo (ordens de grandeza diferentes) e estas relações constituem um

---

<sup>6</sup> Esta perspectiva foi sugerida por Muriel Combes em palestra disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=8DPs2m7gyrw>. Acesso em: 29/06/2014.

campo não substancializado envolvido na sua manutenção e devir. O devir, nesta perspectiva, não é o momento de uma transformação de um indivíduo dado, mas mudança recíproca de fases, defasagem, surgimento e modulação de formas, desaparecimento de outras e transformação do meio associado.

Ele forjou o termo *transdução* para, diferentemente da indução (“que conserva o que há de comum a todos os termos no domínio estudado”) e da dedução (“que busca alhures um princípio para resolver o problema de um domínio”), referir a operação que contém todos os termos iniciais na resolução da tensão, sem empobrecimento de informação, conservando e integrando aspectos opostos. Transdução é

uma operação física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga de próximo em próximo no interior de um domínio: [...] cada região de estrutura constituída serve à região seguinte de princípio de constituição (Simondon, 2013, p. 32).

A individuação é uma operação que implica todo o campo problemático no processo de informação, entendendo-se que “informação é aquilo pelo quê a incompatibilidade de um sistema não resolvido devém dimensão organizadora na resolução” (ibidem, p. 31), “é o sentido segundo o qual um sistema se individua” (ibidem) e, não sendo um termo, não se reduz à unidade ou à identidade.

Para sustentar a radicalidade da noção de relação, o autor busca da física a noção de *ressonância interna*, que “é o modo mais primitivo de comunicação entre realidades de ordens de grandeza diferentes; ela contém um duplo processo de amplificação e de condensação” (Simondon, 2013, p. 33), uma comunicação assintótica que não ocorre entre termos, não é interativa. Um exemplo é a composição de uma ordem de grandeza cósmica como a energia solar, com estruturas de grandeza atômica como os sais minerais e moleculares como a clorofila, participando de uma operação (fotossíntese) que irá conduzir à transformação da energia solar captada pelo

pigmento da clorofila em energia química (dióxido de carbono e água em carboidratos e oxigênio). Um elemento não se resumiu ao outro, bem como não se somaram simplesmente, mas se comunicaram e “resolveram” suas diferenças criando uma nova realidade individual/pré-individual. Esta nova composição de fases entre formas e *apeiron*, indivíduo e pré-individual determina a exceção dos indivíduos por diferenciação intensiva e não quantitativa ou qualitativa.

Um conceito análogo ao de ressonância provém da psicologia experimental e é chamado de *disparação*. Simondon o aborda assim:

a experiência relativa a um mesmo objeto acrescenta e superpõe aspectos parcialmente contraditórios, produzindo um estado metaestável do saber relativo ao objeto. Neste momento aparece um germe estrutural sob a forma de uma nova dimensão, e nós temos uma estruturação que se estende sobre o campo metaestável que é *a experiência*; há operação de tomada de forma. Por exemplo, na visão, o meio-campo esquerdo e o meio-campo direito conduziriam à diplopia se o conteúdo direto das mensagens aportadas por cada retina subsistisse na visão do sujeito. Incompatibilidade e supersaturação são evitadas se nós descobrimos a *dimensão* de destacamento dos planos em profundidade. Esta descoberta de estrutura não se limita a conservar tudo o que é aportado pelos olhos esquerdo e direito: existe mais a utilização do que se chama *disparação binocular*, quer dizer do *grau de não-coincidência* das mensagens esquerda e direita para perceber o escalonamento dos planos (Simondon, 2013, p. 554).

O pensamento simondoniano não é desenvolvimentista e nem adaptativo, pois nas individuações biológica, psíquica e coletiva não se trata de aperfeiçoamento ou acumulação de individuações e competências, muito menos de uma harmonização entre indivíduos já constituídos, mas inversamente, de uma defasagem, uma abertura à desorganização, à perda

de diferenciação, ou seja, de um mergulho na pré-individualidade que possibilita a invenção de novas dimensões.

### 3. A constituição do vivo

Diferentemente da constituição do indivíduo físico, como o cristal, o vivo comporta outro regime temporal e espacial. A estabilização da individuação física se retarda e se perpetua<sup>7</sup>, ou seja,

a individuação vital não vem *após* a individuação físico-química, mas durante esta individuação, antes de sua conclusão, suspendendo-a no momento em que ela não atingiu seu equilíbrio estável, tornando-a capaz de se estender e de se propagar antes da iteração da estrutura perfeita somente capaz de se repetir, o que conserva no indivíduo vivo alguma coisa da tensão pré-individual, da comunicação ativa, sob a forma de ressonância interna, entre as ordens extremas de grandeza (Simondon, 2013, p.152).

O indivíduo vivo “*é um sistema de individuação, sistema individuante e sistema individuando-se*” (ibidem, p. 28). Esta afirmação vem revelar a importância da membrana como estrutura ativa, seletiva e de discriminação de interiores e exteriores. “Se poderia dizer que o vivo vive no limite de si mesmo, sobre seu limite” (ibidem, p. 224), insistindo no duplo sentido da membrana de demarcação e perpetuação operatória.

Não é demais reforçar a importância de uma topologia dinâmica para a constituição do vivo. O espaço euclidiano não dá conta da existência da vida, pois ela

é auto-entretimento de uma metaestabilidade, mas de uma metaestabilidade que exige uma condição topológica: estrutura e

<sup>7</sup> Este processo foi chamado de neotenia o qual, vindo da embriologia, se refere à lentificação da especialização e à propagação e dilatação de um estado incoativo (Simondon, 2013, p. 152, Morizot, 2011, p. 109-29).

função estão ligadas, pois a estrutura vital mais primitiva e a mais profunda é topológica (Simondon, 2013, p. 225).

Enquanto o cristal se individua apenas em sua camada exterior, repetindo por acumulação e amplificação transdutiva a singularidade inicial, o vivo como que invagina a individuação, a qual ocorre simultaneamente nos diversos órgãos. Diversos regimes temporais convivem no animal, como por exemplo, o alimento no interior do intestino é interior e passado para o corpo, mas exterior e futuro para as células cerebrais. No momento em que o alimento torna-se interior a estas células, torna-se passado. O vivo é coincidência de regimes crono-topológicos. Nele “toda a massa de matéria viva que está no espaço interior, está ativamente presente para o mundo exterior sobre o limite do vivo: todos os produtos da individuação passada estão presentes sem distância e sem retardo” (Simondon, 2013, p. 226).

Isto pois, a interioridade de cada órgão e de cada célula dá condições às individuações que implicam o exterior pré-individual do organismo. No vivo todo o passado/interior participa ativamente do meio associado no processo de informação que é seu futuro e devir.

#### 4. O psíquico e coletivo

Desde já podemos dizer que o psíquico e o coletivo correspondem a duas individuações recíprocas, as quais formam uma unidade e por isto serão sempre referidas juntas (Combes, 2013a, p. 67-76).

Estas individuações prolongam aquela que dá origem aos organismos vivos, o que significa que o psíquico e coletivo dependem do vivo desde que, não sendo novos indivíduos, são variações deste.

Os animais, no mais das vezes, cumprem um percurso que engloba a percepção e a ação. O beija-flor identifica padrões formais das flores e segue em direção a elas para se alimentar, sendo elas naturais ou de plástico. Podemos dizer que se trata de uma unidade psico-fisiológica, pois a

individuação vital já implica estes dois planos. Para Simondon não existe diferença de natureza entre humanos e animais, mas apenas de nível, apenas ocorre que um limiar é mais frequentemente transposto pelo homem. Conhecemos os animais domésticos humanizados, que podem inclusive morrer de depressão na ausência do dono. Isto quer dizer que, para autor, todos os indivíduos vivos podem se deparar com questões que darão origem a uma nova individuação, e esta pode ser a formação do psíquico e coletivo. Assim, ocorre “uma descoberta de significações em um conjunto de sinais, significação prolongando a individuação inicial do ser, e tendo neste sentido nexos tanto com o conjunto dos objetos exteriores que com o ser ele próprio” (Simondon, 2013, p. 257).

Simondon sente a necessidade de criar um outro termo, o de *individualização*, para dizer que a individuação que institui o psíquico e coletivo, não se distingue propriamente da biológica.

O vivo, com seus aspectos físico e biológico (inumano e pré-identitário) se desorganiza, lentifica seu processo de especialização e participa da “natureza associada”, insistindo na invenção de uma dimensão que, sem esgotar o potencial, faça a mediação entre o maior e o menor que sua individualidade. Desta maneira compreendemos que o bebê humano é exposto a uma enormidade de elementos afetivos e simbólicos que insistem no deslocamento do circuito puramente psicossomático, ao problematizar sua existência metaestável com o avanço potencial pré-individual. A partir daí, ele tem seu desenvolvimento psico-fisiológico retardado, estando dependente de seus cuidadores por muito mais tempo que a maioria dos animais. E é do prolongamento da individuação vital, da manutenção do inacabamento e da abertura dos esquemas psico-fisiológicos que surge o pensamento representativo e simbólico, que prescindem da presença do objeto. Os animais têm mais aptidão para viver, enquanto os humanos para pensar. Entende-se que Simondon é crítico de toda pesquisa que, centrada

no homem, conduz a uma antropologia. Para ele, não há uma essência específica do homem.

A série percepção-ação é complexificada por uma outra que é a dos afetos-emoção. A afetividade é tida como aquilo que marca a presença do para além do indivíduo nele mesmo, não podendo ser dita interior ou exterior, é a expressão do próprio plano de relação das fases individuada e pré-individual. Ela pode se apresentar como angústia, enquanto signo de incompatibilidade entre fases e convite à transformação/defasagem que poderá dar origem à emoção, que é uma sistematização dos afetos. Na angústia

o ser individuado, no lugar de poder encontrar a solução do problema da percepção e do problema da afetividade, sente refluir em si todos os problemas; na angústia, o sujeito se sente existir como problema posto a si mesmo, e ele sente sua divisão em natureza pré-individual e em ser individuado (Simondon, 2013, p. 250).

Seguindo no caminho da retomada de potenciais e redução ou retardo da especialização para a mudança, Simondon nos oferece a seguinte iluminura: as crianças que, tendo sido hábeis em engatinhar, buscam desenvolver o caminhar, ao querer pegar objetos mais altos e ao verem os demais caminhando. Os psicólogos experimentais americanos Gesell e Carmichael nos ensinam que o caminhar não é uma aptidão que viria se somar ao engatinhar ou que teria uma continuidade com este. É necessária uma *desdiferenciação*, ou seja, um desmonte dos esquemas especializados, estruturados, para um retorno às dimensões incoativas do ser, que são representada pelo período em que a criança desaprende a engatinhar, mas ainda não consegue andar (Simondon, 2013, p. 551-2). Esta noção traz para a experiência cotidiana a ideia de “ontogênese do comportamento”, que faz par com a processualidade operatória da constituição do psíquico e coletivo.

## 5. Transindividual

Ao afirmar que “a realidade psíquica não está fechada sobre ela mesma. A problemática psíquica não pode se resolver de maneira intra-individual” (Simondon, 2013, p. 166), o filósofo tem a oportunidade de quebrar o substancialismo que quer a vida psíquica como interior ao indivíduo.

Não há inerência do psíquico ao organismo vivo e nem uma elaboração puramente individual (consciente ou inconsciente) deste, destacada da invenção, a cada vez, de um comum coletivo. Para nosso autor o centro do psiquismo é a afetivo-emotividade, e ela está no indivíduo e fora dele paradoxalmente. A relação “interna” que compatibiliza parcialmente o indivíduo com sua carga de natureza pré-individual, bem como o processo que torna as duas séries heterogêneas percepção/ação e afeto/emoção significativas uma para a outra, só se dá através de uma relação “externa” que é a participação coletiva. O *coletivo* aqui não se resume a um aglomerado de pessoas, ao *socius* ou à cultura, mas diz respeito a um *processo* de individuação que põe em relação os indivíduos pelo ilimitado que os acompanha enquanto potencial. Daí decorre que o coletivo não pode ser composto por nexos inter-individuais pois estes ocorrem entre indivíduos já dados de antemão e não demandam necessariamente nova individuação.

Este coletivo é *transindividual*, pois sendo relação de relações, do indivíduo consigo e com os outros através do pré-individual, transcende a individualidade. Ele “não é exterior ao indivíduo e, no entanto se destaca numa certa medida do indivíduo” (Simondon, 2013, p. 274). O psíquico não é gerado exteriormente de maneira transcendente ou interiormente de maneira imanente, é “a cada instante de auto-constituição que o nexo entre o indivíduo e o transindividual se define como o que ultrapassa o indivíduo prolongando-o” (ibidem). Entende-se, então, que “a individualidade

psicológica aparece como sendo o que se elabora ao elaborar a transindividualidade” (ibidem).

Para ilustrar a comunicação complexa entre os indivíduos que ultrapassa os limites de suas individualidades atuais, Simondon (2013, p. 244) propõe a imagem do boi-de-canga que morre após a morte de seu companheiro de anos de convivência.

O transindividual é paradoxalmente criado ao mesmo tempo que encontrado e isto não ocorre a todo momento. O autor sugere que é preciso atravessar uma provação, que implica a solidão. Antes de nos apressarmos em colocar em xeque todo este desdobramento que implica o coletivo, importa nos determos no exemplo escolhido para este momento crítico. É em Zaratustra, o herói nietzschiano, que ele vai buscar inspiração (Simondon, 2013, p. 273-4). Quando o equilibrista cai da corda e morre, a população acorre para vê-lo, mas logo se desinteressa, pois ele perdeu seu caráter de funcionalidade social. Zaratustra, no entanto, se irmana com aquela vida que se esvai isolando-se após enterrar o artista, num processo de questionamento de todas as referências sociais, identitárias, funcionais ou utilitárias que lhe permite aproximar-se do ilimitado. Paradoxalmente ele encontra na solidão, mas a partir de um encontro, as condições de devir/defasar sua individualidade e redistribuir suas questões ampliando o campo problemático em que estava envolvido.

Retomando o circuito envolvido na formação do psíquico e coletivo através do transindividual, um conjunto de encontros coloca em questão a individualidade psico-fisiológica. São os afetos que exprimem a tensão entre a fase individuada e a não individuada, confrontando o sujeito com o ilimitado (*apeiron*). A angústia é a marca que acompanha o estado do indivíduo que percebe a necessidade de mudar, pois sente, ao mesmo tempo, que seus padrões não se adequam às exigências do meio associado, e que ele ainda não conseguiu transformar-se por uma nova individuação. O caráter de solidão está de mãos dadas com o processo de desdiferenciação, de

ampliação do estado de metaestabilidade, onde o sujeito mesmo passa a ser problemático (não no sentido de déficit cognitivo, mas de abertura para tornar-se resolução parcial da tensão entre fases, ou seja, para devir). O movimento de disparação é aquele que, implicando todas as fases, indivíduo e meio associado, irá produzir uma solução às tensões – sem esgotá-las – num processo de ampliação e condensação (como vimos no exemplo da constituição da visão em profundidade). Caso estes processos ocorram desta maneira, psíquico e coletivo se formam pelo comum processual que o transindividual denota.

A espiritualidade e a eternidade também serão trabalhadas na órbita da transindividualidade. É no regime afetivo “trans” que estes dois elementos podem ser pensados, pois “se alguma realidade é eterna, é o indivíduo enquanto ser transdutivo, não enquanto substância sujeito ou substância corpo, consciência ou matéria ativa (Simondon, 2013, p. 244). Afastando-se de uma concepção metafísica ou teológica da espiritualidade (Idem, p. 245), ele propõe que as sistematizações das percepções em atos, e dos afetos em emoções, só podem se unir no coletivo transindividual que se individua. A união, por disparação, de ação e emoção estabelece uma reciprocidade que institui a espiritualidade (Idem, p. 247-8). O indivíduo não podendo resolver sua problemática emocional ou perceptiva em si mesmo, depende da individuação com os potenciais pré-individuais suportados pelos outros indivíduos. Nestes potenciais há também a marca da presença daqueles que já morreram. Os vivos sustentam a existência dos que já se foram, estes últimos como “indivíduos negativos”, núcleos de afetividade e emotividade que existem como símbolos (ibidem, p. 244). Estes “furos de individualidades” são ativos, pois apenas a interioridade individual desapareceu, não o meio, marcado pela ausência (ibidem). Simondon resgata da antiguidade a cultura de que os mortos não se tornam hostis por estarem mortos, mas por serem abandonados enquanto viventes do passado. Indica-se assim, que as ações devem surgir de individuações

que perpetuem as marcas de todos os atos já suportados pelos indivíduos e suas naturezas potenciais, confiando à posteridade a herança recebida na forma de potenciais pré-individuais. Como vimos, esta individuação não esgota os potenciais, mas promove uma singularização diferencial, que une a persistência do ato objetivo, com a fugacidade do instante subjetivo, duas maneiras de conceber a eternidade.

## 6. Ética

Simondon propõe uma ética profundamente enraizada em sua concepção física da individuação, pois ele irá distribuir os atos em dois grupos básicos, aqueles que exigem a transdução para se formar e aqueles que prescindem dela.

O autor chamará de “*ato louco*” (Simondon, 2013, p. 325), a ação que busca ser si mesmo, que se insere no devir mas não cumpre a defasagem que o permitiria participar de uma problemática maior que si, amplificar seu ser por espraiamento lateral. São atos que não se nutrem na rede afetiva por afirmação do coletivo enquanto processo de participação no campo de pré-individualidades potenciais. Já o “*ato moral*” é aquele que se defasa e entra em ressonância com outras ações, o que “insere sua existência como ato numa rede de atos” (Idem).

Simondon ainda avança a possibilidade de um “*ato parasita*” ou “*imoral*” (ibidem, p. 324) que não só promove o distanciamento do sujeito quanto à experiência de transindividualidade, quanto provoca a destruição de sentidos que existiram ou poderiam ser chamados a existir, introduzindo a ilusão da unificação de formas abstratas (estetismo). Este ato produz um sistema de confusão, impedindo ou dificultando os outros atos de se estruturarem em rede de maneira transdutiva, ao tentar perseverar no ser sem se diferir ou ser atravessado por outros atos, procurando apenas dominá-los.

## 7. Conhecer

*Alagmática* é o nome dado a uma “teoria geral das trocas e das modificações de estados” que busca apreender o ser antes de qualquer distinção ou oposição da operação e da estrutura (Simondon, 2013, p. 535). Esta teoria implica um método que “consiste em não tentar compor a essência de uma realidade por meio de uma relação conceitual entre dois termos extremos, e a considerar toda verdadeira relação como tendo estatuto de ser” (Idem, p. 32).

Esta afirmação ressalta sua crítica a todo substancialismo, apontando que a relação não pode ser concebida como o que ocorre “entre” dois termos, mas sim como a ressonância interna que é comunicação entre realidades de ordem diferente. Se “o ser é compreendido substancialmente, a relação é apenas o que liga na ordem do pensamento uma substância a seus atributos ou qualidades concebidas como fora dela” (Combes, 2013a, p. 52). Entende-se que “o conhecimento não pode ser concebido como um simples nexos entre estas duas substâncias que são sujeito cognoscente e o objeto conhecido” (ibidem, p. 54). O conhecimento é relação entre as relações que são o sujeito e o objeto, o que significa dizer que o ato de conhecer convoca uma individuação. Simondon vai afirmar logo no início de sua tese que

só a individuação do pensamento pode, ao se cumprir, acompanhar a individuação dos seres outros que o pensamento; não é, então, um conhecimento imediato, nem um conhecimento mediado que nós podemos ter da individuação, mas um conhecimento que é uma operação paralela à operação conhecida; nós não podemos, no sentido habitual do termo, conhecer a individuação; nós podemos somente individuar, nos individuar e individuar em nós; esta apreensão está, então, na margem do conhecimento propriamente dito, uma analogia entre duas operações, o que é um modo de comunicação (Simondon, 2013, p. 36).

Conhecer algo em seu devir depende, então, de que possamos nos individualizar analogamente, entrar em relação disparativa que é ao mesmo tempo comunicar-se com o objeto reciprocamente. Nas palavras de Luiz Orlandi (2003, p. 93),

a exploração desse campo intensivo implica não só uma abertura do sensível como também exige que se deixe a coisa “pensar em mim”, como diz Pierre Lévy, exige, em suma, colocar-se como ampla suscetibilidade a “possíveis metamorfoses sob o efeito” dos problemas.

Acredito que a maneira pela qual Simondon desenvolve seu raciocínio, recheando de histórias suas descobertas e invenções conceituais, favorece que o próprio leitor entre em processo de individuação com o texto. O distanciamento das generalizações e abstrações em favor da singularidade do percurso narrativo das histórias estabelece um campo de ressonância com a memória do leitor e com o ato de recepção, forjando aqui e ali um novo leitor, para além da simples reprodutibilidade de conteúdo formal.

Simondon, em carta a Jacques Derrida (1992), tem a oportunidade de abordar algumas consequências de suas teorias no campo do ensino. Inicia fazendo a crítica de que “não se deve procurar modernizar, por adição de atividades suplementares novas, um tipo de ensinamento fundado sobre estruturas antigas” (Simondon, 1992). Isto só produziria um amontoado de formas de ensino, sem a exigência de uma individuação. Esta posição fica clara quando afirma que “adaptar um ser a uma sociedade estável, é especializá-lo de maneira a poder integrá-lo a uma escala da estrutura vertical” (Idem), ou seja, hierárquica. Diferentemente “adaptar um ser à uma sociedade metaestável, é dar-lhe um aprendizado inteligente, lhe permitindo inventar para resolver os problemas que se apresentam em toda a superfície das relações horizontais” (idem). Toda uma ética das relações que implica

considerar a própria sociedade como sistema aberto e potencial, propício à descoberta/invenção do transindividual, está posta aí. O submetimento e o condicionamento aplicados ao ensino pressupõe uma sociedade estável e rígida, que almeja apenas reproduzir sua identidade formal, por exclusão potencial. A este sistema extremo poderíamos alinhar os “atos loucos”, o que tem uma significativa importância se pretendemos correr o risco de aproximar a educação ao que poderíamos chamar de “saúde”. Isto pois, “um verdadeiro aprendizado [adaptação inventiva] substituído por uma educação por condicionamento profissional encerraria cada indivíduo em um fatalismo social” (Idem), o que poderia levar à “atitudes estereotipadas de defesa”, como a loucura, a violência e as “relações negativas” (ibidem). Esta abordagem da educação pode se desdobrar, então, em uma política do ensino, com extensão para certo olhar clínico sobre a sociedade e os indivíduos. Como vimos, Simondon atravessa estes campos sem perder de vista uma metafísica que tem a relação em seu centro. A crítica à especialização precoce ilumina o que estamos propondo:

toda diferenciação precoce, aumentando a rigidez social por uma especialização abusiva, cria uma sobre-adaptação, causa de uma desadaptação futura. A adaptação rígida, por submetimento às exigências atuais de uma morfologia estática resultante do passado, só conviria a uma sociedade não-evolutiva, confundindo o indivíduo com sua função predeterminada (Simondon, 1992).

A aquisição do conhecimento, seguindo estas indicações, deveria se dar através de operações inventivas que acompanhem o devir do objeto do saber. É uma transformação global da estrutura de quem aprende, pois

uma adaptação que não corresponde mais ao mundo exterior, inadequação tal que reverbera no organismo, constitui uma metaestabilidade que corresponde a um problema a resolver: há

impossibilidade para o ser de continuar a viver sem mudar de estado (Simondon, 2013, p. 553).

Estas transformações são proporcionadas pela correlação entre, por um lado a sustentação do estado potencial, metaestável, das estruturas educacionais e de seus conteúdos, e por outro da possibilidade de retardo da diferenciação especializante, ou desdiferenciação, do sujeito cognoscente. O que dá condições de ressonância e disparação, na constituição de um coletivo, ou seja, de processos transindividuais pela relação entre pré-individuais. Como as sociedades contemporâneas estão completamente tramadas aos sistemas (e por que não dizer aos constrangimentos) educacionais, contemplar uma ético-política da aprendizagem é imprescindível. Combes (2013b) arremata esta afirmação quando diz

que a adaptabilidade designa finalmente a fixação do potencial de metamorfose dos sujeitos sob a forma de uma permanente disponibilidade; milagre da transmutação do ouro da potência transformadora em chumbo da servidão. [...] Interrogar-se sobre o que se entende por saber é uma das coisas a fazer para quebrar o feitiço [do sistema sócio-econômico-cognitivo] e começar a sair de nossa perpétua condição de experts-ignorantes.

## 8. Conclusão

Gilbert Simondon protagoniza o desenvolvimento de uma filosofia original, apresentando uma metafísica das individuações profundamente ancorada numa física das relações. Com inspiração no naturalismo jônico, sustenta a existência do ilimitado, de uma fase pré-individual como participe dos processos de individuação. Em seu percurso enciclopédico, no qual inúmeros conceitos provindos de várias áreas do conhecimento ganham outro alcance e aplicação, aquele de transindividual é um dos mais interessantes e profícuos. Apesar de autores como Ruyer, Kojève e Lacan

utilizarem este termo na mesma época, coube a Simondon dar-lhe uma dimensão conceitual decisiva (Aspe, 2013, p. 77). A processualidade transindividual, bebendo em águas inumanas, coloca em questão a aproximação antropológica da constituição psíquica e coletiva, bem como expõem os limites do psicologismo e do sociologismo enquanto métiers que abstraem a relação entre pré-individualidades como fator determinante da individuação.

Levando-se em conta todas as implicações que este conceito tem, somos convidados a nos deslocarmos da perspectiva que concebe os encontros como nexos formais, inter-individuais, entre emissores e receptores de conteúdos já dados, para aquela de um contínuo convite à informação pela defasagem e invenção de estruturas abertas, metaestáveis. A ética se desloca das associações contratuais, de harmonização ou submetimento, para a possibilidade do engendramento de um ato que diga respeito ao que há de indeterminado (não estruturado) em todos os outros atos e, por conseguinte, que contempla o *apeiron*. O coletivo não se forma por convenções estatutárias ou identidades gerais, mas por sincronização de ações forjadas em rede, por espraiamento lateral. O aprendizado é alçado ao nível de uma necessidade de individuação, mais do que da reprodução formal que pressupõe a separação sujeito/objeto, e entendemos que isto tem impacto fundamental não apenas na pedagogia, mas também numa clínica ampliada que tem na ética das relações seu território incontornável.

### Referências Bibliográficas

ASPE, Bernard. Simondon et L’Invention du Transindividuel. *Revue des Livres*, France, Numéro 12, Juillet-Août, 2013.

BARTHÉLÉMY, Jean-Hugues, *Simondon ou l’Encyclopédisme Génétique*. Paris: PUF, 2008, 165 p.

CHÂTELET, Gilles. Avant-Propos. In: *Gilbert Simondon: une pensée de l’individuation et de la technique*. Paris: Éditions Albin Michel, 1994, 281 p.

COMBES, Muriel. *Simondon, une philosophie du transindividuel*. Paris: Dittmar, 2013a, 208 p.

\_\_\_\_\_. Qui sait? Disponível no site: <http://entre-la.net/qui-sait-par-muriel-combes/>, 13 de Marco de 2013b. Acesso em 29/06/2014.

DELEUZE, Gilles. (1969) *Logique du sens*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969, 392 p.

\_\_\_\_\_. (1966) Gilbert Simondon: O indivíduo e sua gênese físico-biológica. In: *A Ilha Deserta e outros textos*. Org. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2005, 378 p.

MORIZOT, Baptiste. La Néoténie dans la Pensée de Gilbert Simondon: ontogenèse d'une hypothèse. In: *Cahiers Simondon, Numéro 3*. Paris: L'Harmattan, 2011.

ORLANDI, Luiz. O indivíduo e sua implexa pré-individualidade. In: *Cadernos de Subjetividade: o reencantamento do concreto*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Hucitec/Educ, 2003.

SIMONDON, Gilbert. (1958) *Du mode d'existence des objets techniques*. France: Aubier 2001, 265 p.

\_\_\_\_\_. (1960) *Forme, Information et Potenciels*. Conférence faite à la Société Française de Philosophie le 27 février 1960. Disponível em: [www.sofrphilos.fr/telecharger.php?id=82](http://www.sofrphilos.fr/telecharger.php?id=82). Acesso em: 29/06/2014.

\_\_\_\_\_. (1964) *L'individu et sa genese physico-biologique*. France: Jérôme Millon 1995, 270 p.

\_\_\_\_\_. (1989) *L'Individuation Psychique et Collective: à la lumière des notions de Forme, Information, Potentiel et Metastabilité*. France: Aubier 1989, 293 p.

\_\_\_\_\_. Reflexions Prealables a une Refonte de l'Enseignement. Lettre à Jacques Derrida. In: *Les Papiers du College International de Philosophie*, n° 12, 1992, sem paginação.

\_\_\_\_\_. (2005) *L'Individuation à La lumière des notions de forme et d'information*. France: Jérôme Millon 2013, 571 p.

SAUVAGNARGUES, Anne. Simondon et la Construction de L'Empirisme Transcendantal. In: *Cahiers Simondon, Numéro 3*. Paris: L'Harmattan, 2011.